

O GÊNERO RESENHA EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO

Adriane Teresinha SARTORI

Cynthia Iuryath REZENDE

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo: Este artigo visa apresentar uma síntese de um trabalho realizado com alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública de Belo Horizonte, objetivando ensiná-los a ler (compreender/interpretar) e a escrever resenha. A investigação realizada é de natureza qualitativo-interpretativa (BORTONI-RICARDO, 2008) e ancora-se no conceito de gênero discursivo do Círculo de Bakhtin (2003). O projeto de ensino desenvolvido com os estudantes parte da seleção de textos variados, pertencentes ao gênero resenha, para fins de análise de dois movimentos retóricos essenciais, descrição e avaliação, bem como de outros elementos estáveis e flexíveis que o constituem. Os resultados apontam para a necessidade da análise da diversidade de textos que compõe um gênero, para que seja compreendido como produto discursivo sócio-histórico complexo e sempre relativamente estável.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Resenha. Leitura e Produção Escrita. Ensino Médio.

GENDER REVIEWS IN CLASSROOM: AN EXPERIENCE OF READING AND WRITING IN HIGH SCHOOL

Abstract: This article aims to present a synthesis of a work carried out with students of the first year of high school in a public school in Belo Horizonte, aiming to teach them to read (understand / interpret) and to write review. The research carried out is of a qualitative-interpretative nature (BORTONI-RICARDO, 2008) and is anchored in the discursive genre concept of the Bakhtin Circle (2003). The teaching project developed with the students is part of the selection of varied texts belonging to the genre review, for the purpose of analyzing two essential rhetorical movements, description and evaluation, as well as other stable and flexible elements that constitute it. The results point to the need to analyze the diversity of texts that make up a genre, so that it can be understood as a complex and always relatively stable socio-historical discursive product.

Key Words: Discursive Gender. Review. Reading and Written Production. High school.

EL GÉNERO RESEÑA EN SALA DE CLASE: UNA EXPERIENCIA DE LECTURA Y ESCRITA EN LA ENSEÑANZA MEDIO

Resumen: Este artículo pretende presentar una síntesis de un trabajo realizado con alumnos del primer año de la escuela secundaria de una escuela pública de Belo Horizonte, con el objetivo de enseñarles a leer (comprender / interpretar) ya escribir reseña. La investigación realizada es de carácter cualitativo-interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008) y ancla en el concepto de género discursivo del Círculo de Bakhtin (2003). El proyecto de enseñanza desarrollado con los estudiantes parte de la selección de textos variados, pertenecientes al género reseña, para fines de análisis de dos movimientos retóricos esenciales, descripción y evaluación, así como de otros elementos estables y flexibles que lo constituyen. Los resultados apuntan a la necesidad del análisis de la diversidad de textos que componen un género, para que sea comprendido como producto discursivo socio-histórico complejo y siempre relativamente estable.

Palabras clave: Género discursivo. Revisión. Lectura y Producción Escrita. Escuela Secundaria.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa vem sendo pensado para tornar o aluno agente de sua aprendizagem e não mais um mero receptáculo de conteúdos que serão exigidos em provas e trabalhos para depois serem esquecidos a fim de “abrir espaço” para outros conteúdos. Cada vez mais, busca-se antecipar questionamentos de alunos que se veem diante de conhecimentos descontextualizados e (se) perguntam sobre a finalidade daquilo que aprendem, quando aprendem. Esses questionamentos revelam mais do que o desinteresse por parte de aprendizes, mas o vazio de significado de saberes que, durante muito tempo, foram lecionados para o cumprimento de cronogramas de maneira estanque e sem uma avaliação acerca da real função daquilo que se ensina.

A saída encontrada para preenchimento dessa lacuna parece ser um trabalho que amplie a possibilidade de inserção do aluno em práticas sociais de leitura e escrita, de forma que essas práticas tenham significado dentro e fora da escola. A leitura em sala de aula deve ensinar a “ler o mundo” e a escrita precisa ser entendida como forma de “dizer algo” e não apenas resultados de uma alfabetização. Quando o assunto é o ensino médio, a situação se torna um pouco mais delicada, já que a repetição de conteúdos vistos em outras séries aparenta ter bem menos sentido e tolhe a motivação do aprendiz.

O ensino por meio de gêneros discursivos surge como possibilidade para essa inserção também porque significa um trabalho com o material linguístico presente na vida do estudante. Esse direcionamento vem sendo bastante contemplado em diversas produções acadêmicas recentes que discutem o ensino de Língua Portuguesa em consonância com as atuais concepções de língua, além de ser corroborado por documentos oficiais. A questão é não deixar que os gêneros se tornem conteúdos estanques e sejam ensinados apenas por si mesmos. Além disso, para se efetivar o trabalho que almeje abarcar outras esferas sociais, além da escolar, é fundamental que sejam aliados gêneros mais tradicionais a outros que costumeiramente são relegados pela escola, mas pertencem ao universo do aluno.

Na esteira dessas ideias, apresenta-se aqui uma experiência de trabalho bem-sucedida que ocorreu dentro do Projeto de Extensão “Professor Universitário e da Educação Básica, Aluno de Graduação e de Escola: um Encontro Necessário”. Em última instância, o Projeto visa contribuir para a ampliação das práticas de letramento de alunos do ensino médio, através da construção conjunta de atividades e alternativas didáticas voltadas para a leitura e a escrita. Assim, uma professora universitária, alunos da graduação, professores do ensino médio de escolas públicas de Belo Horizonte e seus alunos, representados por seus textos, reúnem-se semanalmente para a reflexão acerca do trabalho desenvolvido, a tentativa de solucionar dificuldades e demandas encontradas no cotidiano escolar e para a proposta e elaboração de atividades que aliem teorias diversas e práticas de acordo com cada contexto de trabalho.

No ano de 2014, os participantes do projeto idealizaram um trabalho colocado em prática durante um bimestre letivo, em uma turma de 1º ano do ensino médio, que consistiu na elaboração de revistas diversas. Os estudantes, em pequenos grupos, foram responsáveis por todas as etapas do trabalho, desde a concepção temática de acordo com seus interesses sobre o que veicular até o formato em que a revista circularia entre seus colegas (se seria feita a mão ou se seria digitalizada). Nessa experiência, além da leitura crítica do veículo, optou-se por focar o ensino de quatro gêneros que fariam parte do produto final (reportagem, resenha, anúncio publicitário e editorial), junto a outros, escolhidos por cada grupo de trabalho, de acordo com a afinidade temática observada pelos próprios estudantes. A proposta de trabalho com revistas foi pensada como uma tentativa de contemplar a heterogeneidade da turma em

termos de desempenho em leitura e escrita, mas também em relação a interesses e motivações que se provaram variados.

Este artigo apresenta uma síntese do trabalho com o gênero resenha/*review*¹, um dos quatro exigidos na produção da revista. A questão central que origina esta pesquisa refere-se à construção de alternativas para o ensino deste gênero, privilegiando a diversidade de textos que se abrigam sob a denominação “resenha” na atualidade, bem como a busca de elementos estáveis e flexíveis que o constituem, para fazer aparecer o resultado da ação discursiva no nosso momento sócio-histórico, revelada na confluência de vários fatores. Para objetivar a análise do projeto de ensino desenvolvido, selecionamos os excertos de quatro textos oferecidos aos alunos para o trabalho de compreensão/interpretação (leitura) e duas produções textuais efetivadas pelos estudantes.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este trabalho trará pressupostos teóricos referentes apenas a gênero discursivo² e a resenha/*review*, além de alguns meandros envolvidos nesses conceitos, para que seja possível melhor compreender a análise que será realizada. Terão lugar nesta seção apenas os elementos essenciais de cada um, considerando a necessidade de sermos sucintos.

1.1 GÊNERO DISCURSIVO

O conceito de gênero nasce entre os gregos e é ampliado pelo Círculo de Bakhtin, grupo de intelectuais russos que realizou seus estudos entre 1920 e 1960, especialmente. Gêneros foram definidos como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciado [...]” (2003, p. 262) e têm nas atividades humanas sua origem e seu fim. “Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*.” (BAKHTIN, 2003, p. 282, grifos do autor). Isso significa que todas as nossas escritas e falas concretizam textos (ou enunciados, na perspectiva bakhtiniana) que sempre apresentam gêneros discursivos, constituídos por tema,

¹ Conforme análise apresentada neste trabalho, o *review* será compreendido como resenha.

² Gênero discursivo e gênero textual serão expressões tomadas como equivalentes neste trabalho, embora possamos estabelecer distinções entre elas, conforme estudos de Rojo (2005), por exemplo.

estilo e forma composicional: uma apreciação valorativa do que é dito/escrito (tema), refletida nas escolhas lexicais e fraseológicas realizadas (estilo, que, por sua vez, revelam o estilo do gênero e do autor), configurada em uma organização prototípica (forma composicional). Como afirma o grupo, os gêneros são sempre flexíveis e estáveis, porque assim são as ações humanas.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Os gêneros são, portanto, históricos, mudam de acordo com especificidades culturais e temporais, integrando “práticas sociais situadas” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 53). Não são imóveis, alteram-se para acompanhar as mudanças da atuação humana, organizada de maneira diversificada em esferas distintas (nunca imóveis, também elas). Nesse movimento dinâmico, “o gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo.” (BAKHTIN, 2002, p. 106).

1.2 O GÊNERO RESENHA/REVIEW

O livro Dicionário de Gêneros Textuais, de Costa (2009), apresenta a seguinte definição de resenha: “breve comentário crítico ou uma avaliação de uma obra que deve conter o assunto e como ele é abordado e tratado, a organização, a ilustração, se houver, etc.” (p. 178). Outros autores também se debruçam sobre definições de resenha: texto que apresenta informações resumidas sobre o conteúdo de outro texto, além de comentários e avaliações (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004); texto que apresenta o conteúdo da obra e comentários e julgamentos do resenhador sobre as ideias do autor, o valor da obra etc. (FIORIN; SAVIOLI, 1995).

Como sabemos, uma definição deve ter um caráter generalizante, de forma a abarcar “o que se repete” no maior número possível de casos específicos. Parece ser isso o que acontece nas definições acima, ou seja, independentemente de estarmos falando de resenha

de um livro, de um filme, de uma exposição, de um dvd, os diversos textos desse gênero devem conter (1) elementos de conteúdo da obra e (2) crítica, a apreciação avaliativa do resenhista sobre a obra.

Um estudo importante sobre esse gênero é o de Motta-Roth e Hengges (2010), no qual as pesquisadoras destacam sua importância na graduação e pós-graduação. É “[...] utilizado na academia para avaliar – elogiar ou criticar – o resultado da produção intelectual em uma área do conhecimento” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 27) e tem a esfera acadêmica como seu lugar de circulação social. Como dizem as autoras, considerando o grande número de resenhas que são publicadas nas diversas áreas científicas, “saber resenhar livros talvez seja uma habilidade fundamental.” (p. 28).

Após analisar diversas resenhas de livros, as autoras construíram uma descrição esquemática para o gênero, a partir de seus movimentos retóricos³ mais representativos, isto é, aqueles que se apresentam de maneira recorrente em diversos textos: apresentação, descrição, avaliação e recomendação, conforme quadro a seguir.

Quadro1: Descrição esquemática das estratégias retóricas usadas no gênero resenha.

1 APRESENTAR O LIVRO	
Passo 1 – informar o tópico geral do livro	e/ou
Passo 2 – definir o público-alvo	e/ou
Passo 3 – dar referências sobre o autor	e/ou
Passo 4 – fazer generalizações	e/ou
Passo 5 – inserir o livro na disciplina	
2 DESCREVER O LIVRO	
Passo 6 – dar uma visão geral da organização do livro	e/ou
Passo 7 – estabelecer o tópico de cada capítulo	e/ou
Passo 8 – citar material extratextual	
3 AVALIAR PARTES DO LIVRO	
Passo 9 – realçar pontos específicos	

³ As autoras baseiam-se nos trabalhos de John M. Swales sobre gêneros discursivos acadêmicos e ensino de línguas para fins acadêmicos na Universidade de Michigan nos Estados Unidos.

4 (NÃO) RECOMENDAR O LIVRO	
Passo 10 – desqualificar/recomendar o livro	ou
Passo 11 – recomendar o livro apesar das falhas indicadas	

Fonte: MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 43.

Em cada um dos quatro movimentos, ou etapas/estágios (apresentar, descrever, avaliar e (não) recomendar a obra), o resenhador pode empregar, conforme as autoras, estratégias retóricas (os passos), escolhendo usar uma dessas alternativas ou todas. Os movimentos podem variar em extensão e em frequência, ainda segundo as pesquisadoras, de acordo com o quê e o quanto o produtor do texto deseja enfatizar em sua análise do livro, e de acordo com as características da obra ou o estilo desse escritor. Nessa perspectiva, constatam que “[...] dependendo do estilo do resenhador, a descrição e a avaliação de partes específicas do livro aparecem juntas, sintetizadas no mesmo trecho e, às vezes, na mesma sentença.” (MOTTA-ROTH, HENDGES, 2010, p. 29).

A conclusão das autoras é que “o gênero é, ao mesmo tempo, avaliativo e informativo” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 44), o que nos leva a pensar que a estabilidade do gênero resenha está em apresentar e/ou descrever, avaliar e/ou recomendar uma obra, confirmando as definições acima. Apresentar e/ou descrever o conteúdo ou partes de uma obra e avaliar e/ou recomendar essa obra é o que há de recorrente nos diversos textos do gênero resenha, embora diferentes obras/“objetos” possam ser resenhados e possam apresentar flexibilidades advindas de inúmeros fatores.

Na atualidade, o *review*, ora designado como resenha, ora como resumo, ora como artigo (LIMA, 2014) tem recebido destaque por circular na internet e apresentar uma “avaliação de uma obra”, embora não seja um produto cultural como os anteriores, porque carrega o tecnológico/comercial como constitutivo e, em geral, avalia produtos eletroeletrônicos. Essas diferentes denominações são perfeitamente justificáveis, se analisarmos os diálogos que se estabelecem entre os gêneros. Um *review* carrega muito de artigo, por exemplo, pelo caráter argumentativo com que o autor avalia o produto resenhado; carrega muito de anúncio publicitário, se analisarmos a possibilidade de persuasão advinda das

escolhas argumentativas do escritor, recomendando ou não o produto. Não poderia ser diferente, já que é necessário analisar o gênero na estreita relação que estabelece com outros. Como constata Geraldi (2010, p. 79),

[...] quanto mais complexa é uma sociedade, maior e mais sutis vão se tornando as diferenças que se expressam através dos gêneros em uso nestas atividades. Por isso, os gêneros são relativamente estáveis, até porque há constantes entrecruzamentos entre eles, com características de um deslocadas para outros, com renovações e retornos.

Por que, então, ganha corpo a palavra *review*? Há muitas respostas à questão, mas a incorporação de produtos tecnológicos – que utilizam a língua inglesa em seus componentes – ao que antes se restringia a produtos culturais como objeto de análise da resenha talvez possa explicar essa “nova” nomenclatura. A partir da leitura de Bakhtin (2003), é indispensável reafirmar que gêneros são práticas discursivas realizadas em um determinado contexto sócio-histórico, indissociáveis, portanto, das atividades humanas. Se a tecnologia ganha relevo na nossa sociedade, uma “nova” palavra precisa designar essa “nova” atividade (discursiva).

Tendo essas ideias como direção para o trabalho escolar que propusemos, passamos a fazer algumas considerações sobre aspectos metodológicos da investigação, antes de discorrer sobre o projeto de ensino.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa foi realizada no decorrer do desenvolvimento do Projeto de Extensão “Professor Universitário e da Educação Básica, Aluno de Graduação e de Escola: um Encontro Necessário”. Trata-se de investigação de natureza qualitativo-interpretativista, desenvolvida por professores pesquisadores no microcosmo de uma sala de aula, mais interessados no processo do trabalho pedagógico do que no produto (BORTONI-RICARDO, 2008). Não é de interesse de uma pesquisa dessa envergadura criar generalizações, ou estabelecer relações causais entre variáveis; trata-se de buscar compreender que, para o grupo de participantes, a experiência desenvolveu-se de uma determinada maneira, gerando alguns resultados, que poderiam ser diferentes, entretanto, se envolvesse outro contexto, outros sujeitos.

A investigação tem como instrumentos de análise: (1) as resenhas⁴ utilizadas pelo professor para desenvolver o trabalho de leitura (compreensão/interpretação) em sala de aula e (2) dois textos (em suas últimas versões de reescrita) selecionados dentre os vários elaborados pelos alunos.

O trabalho constituiu-se a partir da definição de algumas questões centrais: de que forma tratar, em sala de aula, o gênero resenha, de modo a poder percebê-lo na sua complexidade? Mais especificamente: que textos oferecer como exemplares do gênero, buscando contemplar a diversidade que participa de uma mesma denominação? Que elementos constituintes destacar na análise do gênero resenha? O que os textos produzidos pelos estudantes revelam da apropriação do gênero?

Buscando respondê-las, planejamos e desenvolvemos um projeto de ensino com 35 alunos de 1º. ano do ensino médio de uma escola pública de Belo Horizonte, que teve início pela escolha das resenhas que seriam levadas para a turma.

2.1 A SELEÇÃO DAS RESENHAS E O PROJETO DE ENSINO EM SALA DE AULA

A pesquisa sustenta-se no pressuposto de que um texto é um exemplar de um gênero, mas nunca o gênero, considerando sua relativa estabilidade, conforme apregoado pelo círculo bakhtiniano. Nesta perspectiva, tínhamos o desejo de que o aluno compreendesse o gênero resenha em consonância com diversos textos que recebem esta denominação, não levando em consideração critérios excludentes normalmente utilizados pela escola: linguagem formal ou produtos culturais consagrados (livros e filmes). Outro critério de seleção referia-se a textos presentes no universo de adolescentes, respeitando, para um início de trabalho, seus interesses. Um terceiro critério referia-se à atualidade, os textos deveriam estar em circulação no momento da execução da pesquisa.

A busca exigiu que ampliássemos a concepção de resenha ligada a produtos culturais, permitindo a inclusão de produtos comerciais, já que inúmeros objetos dessa esfera recebem a

⁴ A necessidade de concisão nos impede de apresentar as quatro resenhas na íntegra, fato que nos obriga a trabalhar apenas com excertos.

designação de “resenha”. Assim, chegamos a quatro textos, referentes a produtos diversos: o filme *A Culpa é das Estrelas*, a máscara para cabelos *Acquaflora*, a linha de esmaltes *Pimentinha* e o celular *Moto G*. A primeira resenha tornou-se o exemplar que mais se aproximou das práticas escolares, enquanto a do produto para cabelos, a do esmalte e a do celular mais se aproximaram daquilo que circula no contexto juvenil, por serem encontradas comumente em *blogs* e em revistas a esse público destinadas.

As aulas voltadas para o ensino do gênero intercalaram exercícios de leitura (compreensão/interpretação) dos quatro textos apresentados acima, com momentos de produção escrita. Nesta, solicitou-se a elaboração de uma resenha individual sobre um produto relacionado à temática da revista de cada grupo, sua reescrita e, posteriormente, a escrita coletiva (grupal) da versão final de uma das produções que comporia a revista.

No trabalho desenvolvido com os alunos em sala, não foi oferecida uma definição preliminar do gênero resenha, visando construí-la ao final da análise dos quatro exemplares, quando, então, o aluno deveria chegar a conclusões a respeito de elementos estáveis e elementos flexíveis presentes nos diferentes textos, a partir da comparação de diferenças e semelhanças.

A análise das resenhas em sala teve como foco a articulação de elementos descritivos e elementos avaliados realizada pelo autor, ao identificar palavras/trechos/passagens mais relacionados à constituição da obra – movimentos retóricos de apresentação e descrição – e palavras/trechos/passagens mais relacionados à crítica da obra (movimentos retóricos de avaliação e recomendação). Não houve a definição de passos para cada movimento. Assim, fizemos uma adaptação dos aspectos teóricos destacados na seção anterior, de forma a perceber as recorrências constitutivas do gênero e tornar a análise uma estratégia didática que exigisse reflexão por parte do aluno.

Ainda quanto às estabilidades e flexibilidades do gênero, desafiou-se o aluno a preencher um quadro-síntese no qual foram destacados elementos constitutivos importantes em cada uma das quatro resenhas (título, autor, suporte/veículo, público-alvo, obra resenhada, imagem(ns)/fotos da obra resenhada, marcas linguístico-discursivas – tempo verbal

predominante -, campo de produção e circulação da resenha). A análise das respostas dadas pelos discentes levou-os a perceber outras semelhanças e diferenças entre os textos do mesmo gênero.

No final do processo, oito aulas, os discentes construíram uma definição para o gênero resenha, conforme suas próprias conclusões. Estudamos em sala, ainda, a definição de Costa (2009), apresentada no referencial teórico.

3. ANÁLISE DAS RESENHAS

Conforme anunciamos acima, procederemos à análise das resenhas dando relevância à presença de dois movimentos em sua constituição, descrição e avaliação, configuração adotada por nós para os quatro movimentos retóricos discutidos por Motta-Roth e Hendges (2010). A nosso ver, os termos “descrição” e “avaliação” seriam adequados para sintetizar os estágios essenciais de constituição do gênero resenha, em consonância com as definições apresentadas por estudiosos (cf. seção 1.2). Na sequência, comentaremos os resultados do quadro-síntese de constituintes do gênero, perseguindo o objetivo de percebê-lo como relativamente estável.

3.1 A LEITURA DE RESENHAS

Resenha 1: Filme A Culpa é das Estrelas

A primeira resenha apresentada aos alunos para o estudo do gênero foi a do filme A Culpa é das Estrelas, retirada do *site* Adoro Cinema, especializado nesse tipo de produto cultural.

Figura 1: Trecho da resenha do filme A Culpa é das Estrelas.

Por ser um melodrama, é esperado que o romance apele para as emoções do público, partindo da identificação com os personagens. Mas ao contrário dos típicos “filmes para chorar”, que inventam sucessivos conflitos para tornar a história mais lacrimosa, este projeto anuncia desde o começo a único (e imenso) problema dos protagonistas: o câncer. Todos os conflitos serão decorrentes desta doença, sem tornar o calvário da dupla maior do que o necessário apenas para despertar o choro. Por isso, o projeto parece bastante honesto, e menos manipulador do que a grande maioria das obras do gênero.

[...]

Os atores também são impressionantes. Se alguém ainda duvidava do talento de Woodley

após Os Descendentes e Divergente, neste projeto ela mostra do que é capaz apenas com o olhar e com poucos gestos. Elgort também está à vontade com as tiradas sarcásticas, compondo um personagem interessante, preso entre a aparência forte e as inseguranças que esconde. Com a sintonia entre os atores, as cenas mais belas do filme acontecem em silêncio, quando os dois se comunicam muito claramente com o olhar – como no primeiro encontro no grupo de apoio.

Fonte: CARMELO, B. *Nós somos infinitos*. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-218926/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Neste excerto, claramente identifica-se crítica, ou seja, o resenhador avaliando a obra, assim como identificam-se partes mais descritivas da obra, como: “este projeto anuncia desde o começo a único (e imenso) problema dos protagonistas: o câncer. Todos os conflitos serão decorrentes desta doença, sem tornar o calvário da dupla maior do que o necessário apenas para despertar o choro.” Bastante interessante é a constatação de que a avaliação do resenhador emerge na frase anterior através da utilização do adjetivo “imenso”, o qual figura entre parênteses, destacado. Também ao final do trecho (“sem tornar o calvário da dupla maior do que o necessário apenas para despertar o choro.”), há avaliação, comprovando a constatação de Motta-Roth e Hendges (2010) de que a descrição e a avaliação de partes específicas de uma obra – vale a ressalva de que as autoras analisam apenas livros - podem aparecer na mesma sentença: conflitos decorrentes da doença (descrição da obra), seguida de avaliação do escritor.

Trata-se de uma resenha que se organiza como uma apresentação comentada da história básica do filme, havendo destaque para os aspectos que o autor considera relevantes para o elogio. O texto apresenta muitos adjetivos, fato justificável pelo caráter de avaliação inerente ao gênero. Neste caso específico, a avaliação positiva se concretiza em “o filme é uma ótima surpresa”, “inesperado *feel good movie*”, “narrativa fluida”, “edição discreta e eficiente”, “atores impressionantes”, entre outras expressões. Na verdade, toda a argumentação procura justificar a nota 4 dada pelo resenhista à obra, mesmo com uma ou outra crítica negativa (afinal, o filme não recebeu 5, nota máxima). Há também preocupação do avaliador em comprovar seus conhecimentos a respeito de cinema, da atuação dos atores em outros trabalhos, como podemos ver no último parágrafo do extrato acima.

Resenha 2: Produto para cabelos Acquaflora

A segunda resenha apresentada em aula pelo professor para o contato de seus alunos com o gênero se refere a um produto para nutrição de cabelos, chamado Acquaflora. O texto tem origem num blog, como é possível perceber a partir dos primeiros dados presentes no texto: data, hora e a expressão “postado por” junto ao nome do autor. Chama a atenção que o título é acompanhado pela palavra “Resenha”.

Figura 2: Trecho da resenha do produto Acquaflora.

sábado, 3 de agosto de 2013

RESENHA: Nutrição Celular Acquaflora

10:34 | Postado por Rafaella Montoro |



Estou passando uma etapa boa com meus fios mas, tenho que continuar meus cuidados, pois ele passou por um processo de descoloração muito forte, o que me faz sofrer com a porosidade e o ressecamento. Mas, isso vem logo depois da descoloração, e em alguns dias cuidando, já nota uma melhora. Depois de todos os cuidados, meu cabelo é outro.

E realmente ela me surpreendeu!!

Já testei outras da mesma marca e realmente tenho obtido resultados ótimos com elas.

E essa não deixou nada a desejar. Ótima e de custo baixo, mais ou menos 20,00.

O que a marca diz:

Hidrata, regenera e nutre profundamente os cabelos enfraquecidos ou estressados, proporcionando uma reposição de massa. Utilizar semanalmente ou sempre que sentir necessidade.

Mesmo ela sendo indicada para Nutrição, na composição não contém nenhum óleo ou manteiga.

Ela contém Pantenol, arginina, creatina, parece máscara reconstrutora né?

Mais indicada então, como máscara nutritiva e reparadora. Usando ela vai sentir que o cabelo fica mais comportado, sem frizz, com as pontas seladas e com um peso legal.

Fonte: MONTORO, R. *Resenha: nutrição celular Acquaflora*. Disponível em:

<<http://pontodabelezaa.blogspot.com.br/2013/08/resenha-nutricao-celular-acquaflora.html>>.

Acesso em: 12 dez. 2014.

Logo abaixo da foto do produto, a introdução do texto seria recebida com surpresa por um leitor que não acompanha regularmente os *posts* da blogueira. Ao ler, a impressão que temos é que o público para quem a resenha foi escrita já conhece, ainda que pouco, o tema e que espera por esse trabalho.

Identificamos a introdução como movimento de avaliação, seguida de uma frase de descrição, copiada da obra em análise. É importante observar que a autora insere a descrição em itálico, estabelecendo distância entre suas opiniões (crítica) e o que está inscrito no produto (descrição), criando delimitações (manchas) específicas no próprio texto. Na sequência, a descrição está mesclada à crítica, ao afirmar que “Mesmo ela sendo indicada para Nutrição, na composição não contém nenhum óleo ou manteiga. Ela contém Pantenol, arginina, creatina, parece máscara reconstrutora né?”. Os elementos constitutivos da máscara *Acquaflora* estão sendo apresentados/descritos e avaliados pela resenhista, demonstrando conhecimento sobre os benefícios dos constituintes do produto.

Outro aspecto que merece atenção trata-se do caráter comercial da resenha/*review*, já apontado por Lima (2014), que também pode ser observado no momento em que o texto nos fornece o preço e, já que toda a argumentação, neste caso, é positiva, seu custo surge como mais um atrativo para o consumo do creme. É comum em todo o texto expressões como: “Senti mesmo que foi algo a mais” para chamar a atenção para as qualidades do produto. Também é válido destacar a linguagem extremamente informal, que serve para se aproximar do público leitor, como se o texto fizesse parte de uma conversa entre pessoas íntimas.

Resenha 3: *Smartphone* Motorola Moto G

O *review* “Motorola Moto G” visa orientar interessados (ou um futuro comprador) quanto a aspectos do funcionamento do objeto da resenha, um *smartphone*. O blogueiro resenhista procura manter relação de proximidade com o público-alvo, deixando claro que o texto é um elo na cadeia da apresentação de outros, referentes a aparelhos semelhantes.

Figura 3: Trecho da resenha do produto Motorola Moto G.

sexta-feira, 4 de abril de 2014

Review Motorola Moto G

Depois de muito tempo sem review, trouxe mais um, um smartphone barato ao mesmo tempo "poderoso" pelo seu valor. Esse smartphone do segmento intermediário com excelente hardware, sistema Android puro, já que foi lançado por preços a partir de R\$ 649.



Design e Tela

O design do Moto G é um dos pontos fortes do aparelho. Um destaque fica por conta da traseira do aparelho, que possui um revestimento repelente a água, lisa e de aparência emborrachada, que dá mais segurança no uso no dia a dia, pois não há a impressão de fragilidade e de que o aparelho vai riscar a qualquer momento, como acontece em produtos com traseira de vidro ou até mesmo de plástico.

A resolução HD não quebra paradigmas, mas é uma adição bem-vinda ao mercado de aparelho de até R\$ 700. São 720 x 1280 pixels, que geram uma densidade de pixel por polegada de 326. Mesmo o tamanho da tela, para um aparelho tão compacto, é bem satisfatório para o consumo dos mais diversos tipos de conteúdos, entre jogos, vídeos e navegação na internet.

Fonte: HIGOR. *Review Motorola Moto G*. Disponível em:

<<http://tecnolreviews.blogspot.com.br/2014/04/review-motorola-moto-g.html>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

O autor demonstra conhecimento sobre o assunto e apresenta uma resenha repleta de termos técnicos, mas não inacessível a leigos. A descrição e a crítica se mesclam no texto em frases subsequentes, ou na mesma frase, de forma a apresentar os elementos constituintes do aparelho e a avaliação daquele elemento. Observemos, por exemplo, o último parágrafo do excerto.

A resolução HD não quebra paradigmas, mas é uma adição bem-vinda ao mercado de até R\$ 700. São 720 x 1280 pixels que geram uma densidade de pixel por polegada de 326. Mesmo o tamanho tão compacto, é bem satisfatório para o consumo dos mais diversos tipos de conteúdos, entre jogos, vídeos e navegação na internet.

A frase sublinhada apresenta mais explicitamente o movimento de descrição, neste caso, uma descrição técnica do aparelho, enquanto as outras orações deixam à mostra a avaliação do produto, destacando os seus aspectos positivos.

Ao longo da resenha, o autor descreve e avalia os itens “interface”, “hardware”, “câmera”, “bateria” e, ao final, apresenta o subtítulo “resultado”, no qual recomenda a compra do produto, como conclusão de todo o processo argumentativo em que os componentes e as características compõem um *smartphone* que “vale a pena”: “se você está à procura de um smartphone que seja barato e que ao mesmo tempo seja bom, rápido para as tarefas do dia a dia ou até mesmo algumas mais pesadas, esse smartphone vale a pena. Possui um custo benefício muito bom.” O movimento de recomendação – presente em livros, conforme Motta-Roth e Hendges (2010) – também é explicitamente observado nesta resenha. Esse aspecto também foi discutido com os alunos, embora não tenha recebido uma nomenclatura específica, isto é, tenha sido denominado “avaliação”. Procuramos evitar que o aluno compreendesse a tarefa de leitura de resenhas como uma busca de fragmentos para os quais devesse encontrar rótulos que os designassem, importava mais a compreensão do movimento retórico.

Resenha 4: Linha de esmaltes Pimentinha, de Colorama

A quarta resenha escolhida para a pesquisa se refere a uma coleção de esmaltes. Ela tem origem em um blog, possui autoria e também é ilustrada com várias fotos do produto. Assim como na resenha 2, temos a sensação de continuidade, como se uma série de postagens sobre o mesmo assunto fosse constantemente realizada no *site*.

Figura 4: Trecho da resenha da coleção de esmaltes Colorama.

São oito cores no total, das quais tenho seis para mostrar. De acordo com a marca, a descrição de cada uma é a seguinte: Sussurro, lilás arroxeadado; Provocante, vermelho queimado; Flerte, vinho intenso; Ardente, rosa aberto e vibrante; Pitadinha, verde com efeito pontilhado; e, finalmente, Picante, vermelho cereja com efeito pontilhado. Ficaram faltando o Arrepio, laranja claro, e o Estalinho, rosa, ambos com efeito pontilhado.

Sei que descrever cores é algo muito subjetivo, mas eu definiria diferente. Sussurro tem tom de vinho, mas com mais roxo; Provocante é um laranja queimado; Flerte, um vermelho clássico; Ardente me parece mais coral; Pitadinha é amarelo com um toque de verde; e Picante é um coral com mais laranja na composição.

De qualquer maneira, as amostras estão fiéis à realidade. Fiquei impressionada com a pigmentação e facilidade de espalhar de todos os esmaltes, inclusive dos pontilhados, que têm cor. A secagem também é rápida!

Cada vidrinho custa R\$ 3,99 (Nutriverniz) e R\$ 6,99 (Efeitos Especiais). E aí, curtiram? Eu achei as cores bonitas, mas nada de muito diferente (tirando os pontilhados, claro!).

PS: Me perdoem pela falta de habilidade técnica para pintar as unhas! Foquem na cor! hahahaha

Este produto foi enviado pela assessoria de imprensa da marca. A política do blog é de fazer resenhas sinceras, geralmente listando pontos positivos e negativos do produto. A opinião relatada aqui veio da experiência de uso da autora do post e é independente da marca ou loja que enviou o cosmético para teste.

Fonte: MARQUES, T. *Amostras*: coleção Pimentinha, de Colorama. Disponível em: <http://www.coisasdediva.com.br/2014/04/amostras-colecao-pimentinha-de-colorama/>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Os movimentos de descrição e avaliação se fazem presentes no texto, a frase “de acordo com a marca” registra aquele e “fiquei impressionada como a pigmentação”, este, para citar um exemplo apenas. A autora apresenta-se como autoridade no assunto, ao redefinir de forma particular as cores dos esmaltes. Inicialmente transcreve o que a marca oferece, para, na sequência, criar sua própria classificação. Comentários bem informais, como se a resenhista estivesse em meio a um diálogo com alguém bastante próximo, também participam do trabalho. Toda a construção argumentativa defende que o produto é bom e o preço é vantajoso.

Chama a atenção que a postagem é finalizada com um “p.s.”, marca presente em alguns textos do gênero carta, reforçando a sensação de que o leitor é convidado para o diálogo. Além disso, última mensagem encontrada na página esclarece que a marca de

esmaltes forneceu o produto para o blog para teste e garante a sinceridade da avaliação feita pela autora. Assim, busca-se afastar a possível desconfiança de que o resultado tenha sido propositalmente positivo com finalidade publicitária.

Como podemos observar, os quatro trabalhos apresentados comprovam o fato de que vários textos se realizam sob uma mesma denominação. A resenha abarca um número significativo de exemplares que apresentam semelhanças, mas também, diferenças significativas. Isso nos faz pensar na definição de Bakhtin (2003) de que um gênero é sempre relativamente estável, portanto, apresenta estabilidades e flexibilidades. Nesse sentido, os quatro textos parecem apresentar a estabilidade do gênero, ao realizar dois movimentos retóricos principais: descrição e avaliação de uma obra, seja ela um filme, um produto para cabelo, um *smartphone*, ou um esmalte.

Ao analisar a definição de Costa (2009), os alunos participantes da pesquisa concluíram que o termo “obra” não pode se reduzir a livros e filmes, a fim de não excluir os vários produtos tecnológicos, objetos de resenhas na atualidade. O **uso** deve gerir um estudo científico e as atividades de sala de aula. Dessa forma, a denominação “resenha” tem servido aos escritores que precisam avaliar produtos (e não apenas obras culturais), aspecto importante para ser considerado por aqueles que gostariam de “controlar sentidos”. Nas palavras de Geraldi (2010, p. 80): “incontáveis são as formas de dizer porque no dito há esqueleto e história; no dito há gramática e expressão; no dito há informação e avaliação.” Assim, resenha é o termo que tem sido utilizado para designar a mescla de descrição e avaliação há vários produtos e é preservando essa diversidade que o gênero precisa ser trabalhado em sala de aula.

Ademais, a análise das respostas contidas no quadro-síntese que desafiamos os alunos a construir, contendo título, autor, suporte/veículo, público-alvo, obra resenhada, imagem(ns)/fotos da obra resenhada, marcas linguístico-discursivas – tempo verbal predominante -, campo de produção e circulação da resenha, contribuíram para a percepção de que todas as resenhas apresentavam imagens dos objetos em foco, além da utilização de verbos preferencialmente no presente para descrever as partes da obra e avaliá-la. A utilização do pretérito perfeito nas frases em que havia o relato da experiência pessoal do resenhador

com o produto, o emprego de adjetivos e substantivos que expressam avaliação (positiva) da obra foram igualmente destacados pelos estudantes. O fato de o autor ocupar o papel de autoridade no tocante ao assunto foi percebido pelo grupo de discentes como importante para compreender o que se diz (ou não se diz) nas resenhas.

Quanto às flexibilidades do gênero, parece ter ficado claro que o suporte/veículo da resenha e a própria obra escolhida para ser resenhada determinaram as flexibilidades nos textos, percebidas na linguagem (informal, semiformal ou em perspectiva mais técnica), no diálogo mais ou menos explícito com o leitor, nas aproximações com outros gêneros (o anúncio publicitário, sobretudo) e nas relações com setores comerciais da vida pública.

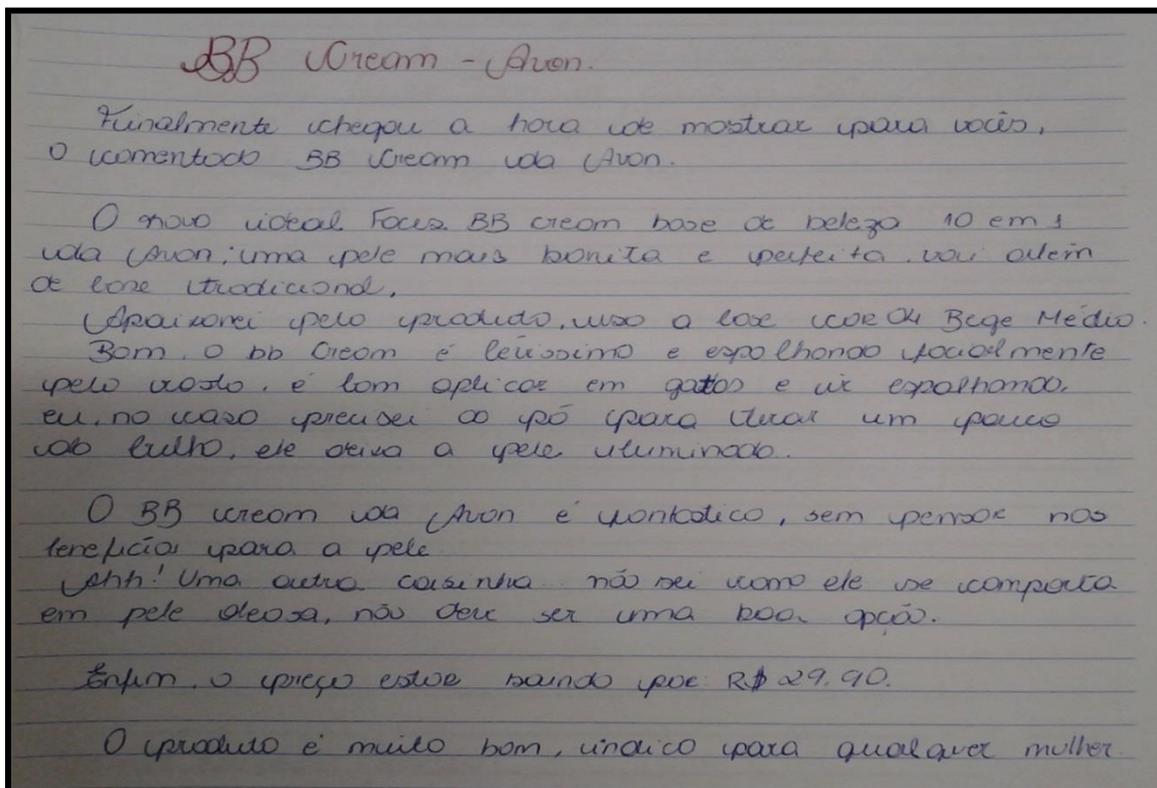
3.2 A PRODUÇÃO ESCRITA DE RESENHAS

Conforme mencionamos, os textos apresentados nesta seção foram produzidos por alunos do ensino médio que organizaram uma revista, idealizada por eles. Apenas a última versão de duas resenhas será analisada aqui, como ilustração do trabalho realizado.

Em relação aos textos elaborados pelos alunos, nosso interesse recai sobre as escolhas dos discentes buscando analisar o diálogo entre os diferentes textos lidos (compreendidos/interpretados) e as resenhas produzidas, além de identificarmos a presença ou não dos elementos estáveis e flexíveis que configuram o gênero.

Resenha 1: Maquiagem (base para o rosto)

Figura 5: Resenha produzida em sala de aula



Fonte: material do grupo de pesquisa.

A primeira frase da resenha marca a relação de proximidade que se estabelece entre resenhista e leitora, já que “vocês” se refere claramente ao interlocutor do texto. Certa legitimidade ao que a autora escreve também fica registrada no início do texto, afinal, se um determinado produto ganha destaque de publicação, infere-se que outros também já tenham tido esse mesmo destino, criando um “espaço de dizer” de autoria, evocando a si o papel de blogueira, ou criando a imagem simulada de um texto que poderia figurar em um blog. A utilização da primeira pessoa do singular também é marca do caráter pessoal da avaliação de produtos que o vem constituindo, mas o *ethos* é de um especialista, de quem conhece o produto, porque o experimentou e o indica “para qualquer mulher”.

A resenha criada pela aluna, embora pudesse ser revisada apresentando outras formas de dizer, aproxima-se do texto sobre o produto Acquaflora ou sobre a linha de esmaltes. O movimento de descrição está bastante restrito à nomeação do produto, à identificação da cor e

do preço. Já o movimento de avaliação é bem mais desenvolvido, já que as qualidades do produto são destacadas na resenha elaborada: “é levíssimo e espalhando facilmente pelo rosto”, “deixa a pele iluminada”. A crítica negativa também figura no texto, mas pontuada por “dúvidas”, já que a autora supõe que em pele oleosa o creme pode não trazer benefícios. É interessante perceber que o aspecto negativo foi construído discursivamente por escolhas lexicais que o caracterizam como apenas um detalhe, através de “ahh”, revelando que a autora praticamente havia esquecido desse aspecto, ou através de “coisinha”, diminutivo que cria uma imagem de “menor”, sem importância. A conclusão da leitora, ao se deparar com o texto, é a de que “o produto é muito bom”, sem máculas.

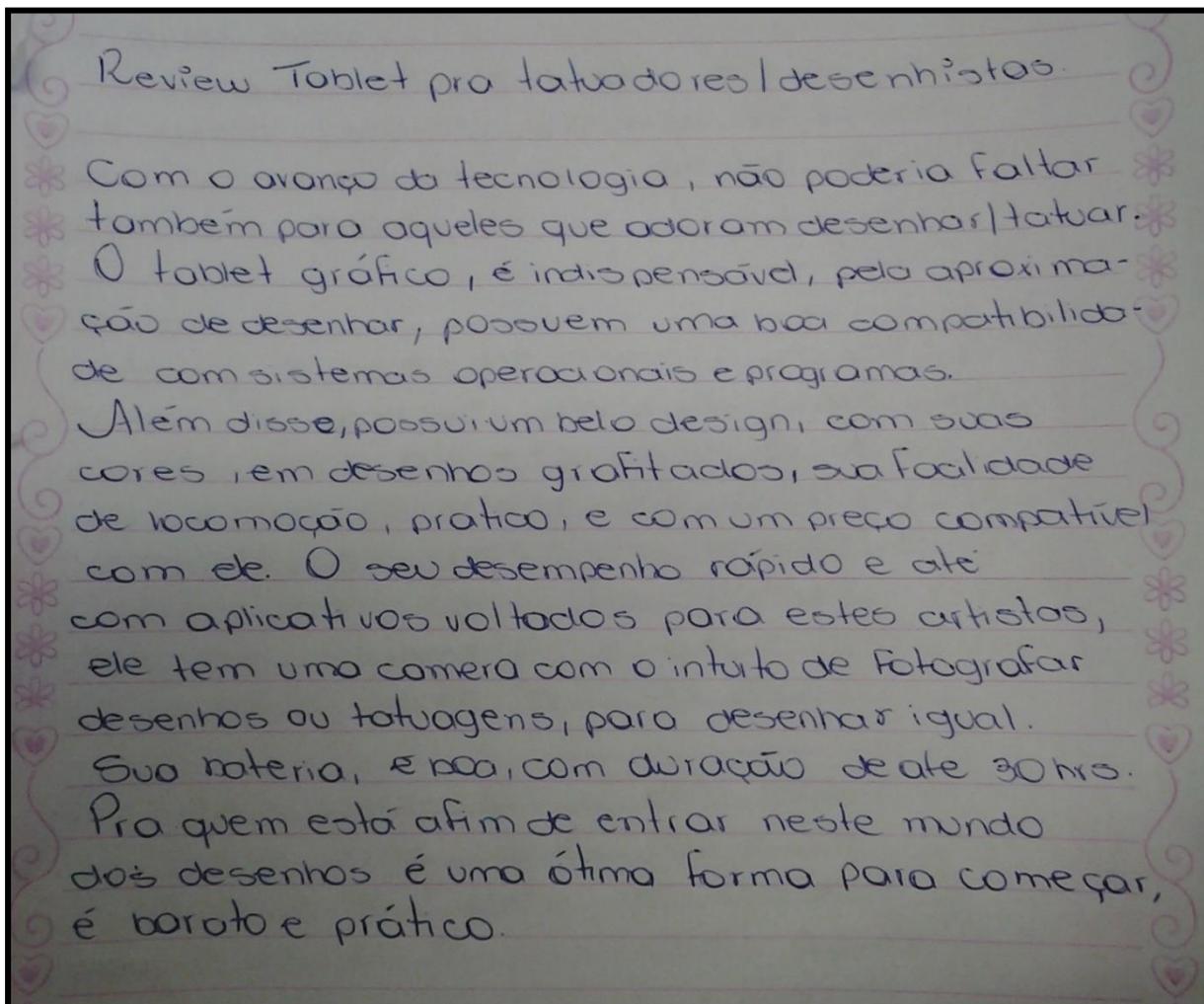
Ao contrário das resenhas estudadas em sala, na criada pela discente, não há imagens do produto. Muitas justificativas podem explicar essa ausência, mas talvez a mais significativa esteja relacionada à forma como ensinamos a escrever. Normalmente, na escola, o texto é apenas escrito, composto por várias linhas em sequência, criando uma mancha uniforme no papel. Como afirma Lemke (2010, p. 461),

[...] nós não ensinamos os alunos a integrar nem mesmo desenhos e diagramas à sua escrita, quanto menos imagens fotográficas de arquivos, vídeo clips, efeitos sonoros, voz em áudio, música, animação, ou representações mais especializadas (fórmulas matemáticas, gráficos e tabelas etc.)

É importante frisar, ainda, que a resenha criada pela autora integra uma revista de variedades, direcionada a adolescentes femininas, o que nos dá clareza da adequação do texto aos propósitos do veículo de circulação.

Resenha 2: Tablet para tatuadores

Figura 6: Resenha produzida em sala de aula.



Fonte: material do grupo de pesquisa.

A segunda resenha diz respeito a um produto pertencente ao meio tecnológico e, logo na sua introdução, o autor contextualiza positivamente o produto nesse meio, direcionando-o a um público-alvo bem definido: tatuadores e desenhistas. Cabe ressaltar que a revista produzida pelo grupo de alunos responsável por esse texto tinha o universo das tatuagens como tema. O produto é adjetivado como “indispensável” pelo resenhista e, ainda que de maneira um pouco confusa, é qualificado positivamente, seja em relação às suas características internas, seja em relação a seus supostos aplicativos. Isso significa que os dois movimentos identificados em uma resenha são apresentados no texto do aluno, sem a delimitação clara de

frases ou parágrafos descritivos e avaliativos. Em outras palavras, a descrição e a avaliação aparecem juntas, sintetizadas na mesma sentença, conforme observam Motta-Roth e Hendges (2010) em resenhas de livros.

O texto merece revisão em sua escrita, mas apresenta predominância de verbos no presente e cumpre, como dissemos, o objetivo de descrever algo de maneira comentada e avaliativa, visto também em expressões como: “desempenho rápido”. Apesar de não trazer o preço, o autor assimila a recorrente opção argumentativa do gênero em usar o custo como mais uma qualidade, um indício de que o produto, nas palavras do autor, possui “um preço compatível”.

É positivo o cuidado que o autor tem em não perder de vista o público para quem se dirige, retomando várias vezes o quanto o *tablet* é interessante para tatuadores e de que forma ele serve para esse grupo profissional. A última frase reafirma ao leitor todas as vantagens já destacadas e garante que a aquisição do produto é o primeiro passo necessário para um bom trabalho a ser desenvolvido na área dos desenhos ou das tatuagens (as expressões se confundem em alguns momentos já que tatuadores são também desenhistas). Nesse sentido, chama a atenção o caráter quase publicitário do texto, possível “hibridização” de gêneros já mencionada no referencial teórico ao lembrarmos do trabalho de Lima (2014).

Não há imagens constituindo a resenha, a nosso ver, pelos mesmos motivos elencados na análise da resenha anterior. Esse fato aponta para mudanças necessárias em projetos de ensino que venham a ser implementados em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve origem na necessidade de resposta para as seguintes questões: que textos oferecer como exemplares do gênero resenha buscando contemplar a diversidade que participa de uma mesma denominação? Que elementos constituintes destacar na análise do gênero resenha? O que os textos produzidos pelo aluno revelam da apropriação do gênero?

Em relação à primeira pergunta, parece importante destacar que deve haver uma preocupação do professor em tentar apresentar vários textos exemplares de um mesmo gênero, para que o aluno, a partir da comparação, possa compreender suas estabilidades e suas flexibilidades, além de suas relações com outros gêneros. A inclusão de textos não legitimados por instâncias educacionais pode se configurar como um caminho produtivo para o ensino, já que a reflexão desenvolvida colabora para a construção de uma teorização que abranja a relativa estabilidade de um gênero.

A segunda questão justamente nos leva à busca de estabilidades e flexibilidades de um gênero, a partir da análise de diferentes textos que se abrigam na mesma denominação. No caso desta pesquisa, consideramos produtiva a definição de dois movimentos retóricos (descrição e avaliação) como fundamentais na constituição da resenha. Igualmente, a análise do ambiente de circulação, público a que se destina, marcas linguísticas, presença ou não de imagem, conforme demonstramos em seções anteriores, propiciam a compreensão do discurso como dinâmico e multifacetado. Nessa perspectiva, Geraldi (2010) critica a tentativa de tornar os gêneros discursivos uma mercadoria palatável ao sistema educacional. Para ele, essa iniciativa transformou-os em “entes”, não em processos disponíveis para a atividade discursiva que se realiza no interior das esferas de atividades humanas; transformou-os em “objetos definidos previamente, seriáveis, unificados e exigíveis em avaliações nacionais.” (p. 79). Assim, ao contrário das considerações de Bakhtin (2003) a respeito de gêneros, eles têm sido tratados, na escola, como estáveis – não **relativamente** estáveis – desprovidos de história, desarticulados de outros.

Um aspecto pedagógico subjacente ao trabalho proposto torna-se relevante: construir um percurso indutivo para a compreensão do gênero, ao contrário de muitas práticas que partem da definição para a exemplificação. A comparação e a análise não se realizam sem muita reflexão, fator indispensável para a formação de alunos mais ativos no processo de ensino-aprendizagem, menos dependentes da “transmissão” de conhecimento realizada pelo professor.

A análise dos textos produzidos pelos alunos revela que se apropriaram dos movimentos retóricos essenciais de constituição de uma resenha, como resposta à terceira

questão proposta na pesquisa. Na realidade, os estudantes produziram seus textos estabelecendo muitas semelhanças com os estudados ao longo do desenvolvimento do projeto de ensino em sala de aula, adaptados, entretanto, aos propósitos definidos por eles em suas revistas. O traço de assunção de autoria que parece mais visível nas resenhas produzidas refere-se à crítica, ao destaque dado pelos autores ao movimento de avaliação dos elementos do produto. Esses aspectos comprovam que a exigência de escrita de um gênero vai muito além de saber moldar o que se escreve, significa saber avaliar o texto escrito de acordo com as possibilidades interpretativas do leitor, estabelecer relações claras entre os diferentes textos (gêneros) que compõem um determinado periódico e antever o seu funcionamento na esfera escolhida para circular.

Em síntese, o projeto de ensino foi produtivo para que os estudantes pudessem produzir enunciados adequados à situação escolhida e compreender a constituição de um gênero na sua complexidade, nunca totalmente abarcada pelos estudos.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. ver. ampl. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GERALDI, J. W. Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas, de práticas a objetos. In: _____. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em linguística Aplicada* [online]. 2010, vol.49, n.2, p. 455-479. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200009>.

Acesso em 05 jan. 2018.

LIMA, M. O blogging como prática dialógica: processo de produção do gênero *review* de tecnologias. *Tese* (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Adriane Teresinha SARTORI

Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (1988), mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1995) e doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Atualmente é professora da Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de leitura, gramática/análise linguística e escrita na educação básica; formação de professores de Língua Portuguesa

Cynthia luryath REZENDE

Graduada em Letras, Licenciatura Plena Português (2014) e Bacharelado Estudos Linguísticos (2015), pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Recebido em 28/01/2018 - Aceito em 24/01/2019